



Diante da linha de sombra: o Blog de Yoram Kaniuk
In Front of the Shadow Line: the Yoram Kaniuk's Blog

Berta Waldman*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil
bwaldman@usp.br

Resumo: O escritor israelense Yoram Kaniuk escreveu um *blog* em que cortes, idas e vindas, interrompem a continuidade do discurso, criando partes semelhantes a capítulos que não levam, no entanto, a um sentido de continuidade. Apesar da focalização difícil e variada e o ritmo irregular, a obstinação de um projeto aliado ao caráter indestrutível de um desejo vai se desdobrando diante do leitor. O autor relata, nesse espaço da rede, aspectos de sua história, por meio de acontecimentos privilegiados, após saber de um câncer devastador que o estava conduzindo à morte.

Palavras-chave: Escrita. Memória. Autobiografia.

Abstract: Israeli writer Yoram Kaniuk wrote a blog in which cuts, comings and goings interrupt the continuity of the speech, creating parts that do not lead to a sense of continuity. Despite the difficult and varied focus and the irregular rhythm, the obstinacy of a project allied with the indestructible character of a desire unfolds before the reader. The author reports on aspects of his history in this network, through privileged events, after learning of a devastating cancer that was leading him to death.

Keywords: Writing. Memory. Autobiography.

"Nós todos morremos incessantemente", escreveu Georges Bataille na época da Segunda Guerra Mundial. E acrescentou: "o pouco tempo que nos separa do vazio tem a consistência de um sonho."

(Georges Didi-Huberman)

No limiar da morte, movido pela urgência, um homem conta uma seleção de fatos relacionados à sua vida. A focalização difícil e variada e o ritmo irregular, produzem,

* Doutora em Literatura Comparada e Teoria Literária pela Universidade de São Paulo e Professora Titular da Universidade de São Paulo e Professora Colaboradora da Universidade de Campinas.



entretanto, um efeito de lentidão, de idas e vindas. Apesar disso, a obstinação de um projeto aliado ao caráter indestrutível de um desejo vai se desdobrando diante do leitor. O autor, Yoram Kaniuk, conta-nos em seu *blog* aspectos de sua história, por meio de acontecimentos privilegiados, após saber de um câncer devastador que o estava conduzindo à morte.¹

Ao contrário de Theodor Adorno e de seus seguidores que pensavam ser necessário defender a alta cultura e a arte de vanguarda contra a cultura de massa, os escritos de Kaniuk são, antes, um manifesto em favor dos espaços políticos, das formas políticas (o debate, a polêmica, a luta), de livre acesso a todos os leitores interessados. Daí a escolha do *blog*. Segundo ele, o que se pode esperar de um escritor se não inquietar o seu tempo? É na tecla da inquietação que se desdobram os textos que perfazem o *blog* do autor.

Como classificar esse tipo de narrativa? Situada entre as narrativas de introspecção, ela demanda uma análise teórica sobre a questão do gênero autoficcional como estratégia literária. O conceito de autoficção foi lançado pelo francês Serge Doubrovsky,² criador do neologismo e do primeiro romance considerado autoficcional – *Fils*, em resposta à lacuna existente, segundo ele, nos estudos realizados sobre a autobiografia por Philippe Lejeune.³ Para Doubrovsky, todo contar de si é ficcionalizante, assim, a autoficção é um gênero híbrido, que mistura realidade e ficção, numa narrativa que oscila entre o autor e o outro ficcional.

Os principais teóricos que, atualmente, discutem as questões referentes a esse gênero são: Philippe Gasparini, Vincent Colonna, Philippe Lejeune, Serge Doubrovsky, Philippe Vilain, Madeleine Ouellette-Michalska, Sébastien Hubier, Jacques Lecarme, Diana Klinger e Gérard Genette. A autoficção parte da construção de si e do outro ficcional e estabelece um novo tipo de pacto com o leitor, que vem se atualizando desde a sua criação e conceitualização feita por Doubrovsky. Em entrevista a Philippe Vilain, Doubrovsky explica que, diferentemente da autobiografia ou do romance autobiográfico que se referem ao passado de quem escreve, a autoficção seria a escrita do presente. Além disso, ela engaja diretamente o leitor, como se o autor quisesse compartilhar com ele suas obsessões.

O escritor lembra que na autobiografia aquele que escreve simula ou pretende contar toda sua história, já na autoficção recorta, de acordo com seu interesse específico, a história em diferentes fases. Por outro lado, a cisão entre a construção de si e do outro

¹ Entrevista concedida por Yoram Kaniuk à revista *La Vanguardia*, um ano antes de sua morte. Disponível em: <www.lavanguardia.com/libros/2012>. Acesso em: 21 mar. 2017.

² DOUBROVSKY, 1977.

³ LEJEUNE, 2008.



ficcional remete à famosa fórmula de Rimbaud: *Je est un autre* (Eu é um outro)⁴ que é também abertura para o inconsciente, marcando uma descontinuidade do eu. A posição de Rimbaud quebra a hegemonia do “eu” e recusa a concepção cartesiana que dá ao sujeito a faculdade de coincidir com ele mesmo no ato de pensar.

Nesse sentido é falso dizer “eu penso”, quando se deveria dizer “alguém em mim pensa”; a propósito, a posição de Lacan coincide com a de Lejeune ao criticar a banalização do emprego da expressão autoficção, considerando que ela se tornou uma espécie de vassoura que recolhe tudo.⁵ Por outro lado, a autoficção, tal como concebida por Doubrovsky, seria “uma variante ‘pós-moderna’ da autobiografia na medida em que ela não incorpora mais uma verdade literal, uma referência indubitável, num discurso histórico coerente; ao contrário, ela é uma reconstrução arbitrária e literária de fragmentos esparsos de memória”.⁶

Outro aspecto importante a se considerar é a questão da escolha da forma de publicação: Kaniuk escreve um *blog* acessado e acompanhado por quem assim o desejar; nele, os cortes interrompem a continuidade discursiva, criando partes semelhantes a capítulos que não levam, entretanto, em conta um sentido de continuidade. A cada matéria datada, o autor trata do que lhe apraz, mas há sempre uma figura que se oculta no texto – a própria morte. A escolha do *blog* e não do jornal, da revista, do livro, deve-se, com certeza, ao desejo imediato de comunicação por meio de um veículo democrático, que conta com um grande número de leitores. Nesse caso, o testemunho do escritor é “uma prova do presente”, não “um registro realista do que passou”. Não se sabe, ou não importa se esses textos são realidade ou ficção. Eles se instalam localmente numa realidade cotidiana para “fabricar um presente” e esse é precisamente seu sentido.⁷

Duas vezes morri: primeiro, na guerra de 1948 e, em seguida, por causa de um câncer. Agora, com meu novo câncer sei que a morte se aproxima. No passado, não me importava muito, mas agora queria desfrutar de um ou dois anos mais de vida, afirma o escritor a *La Vanguardia*, pouco antes de sua morte, aos 82 anos de idade.⁸

⁴ RIMBAUD, 1998. p. 201. O poeta Paul Celan quando diz, num momento de reflexão sobre seus escritos: “eu sou a poesia”, mostra a intrínseca ligação da escrita com a vida. Ver: PAJEVIC, 2001, p. 163.

⁵ LEJEUNE, 2005, p. 270.

⁶ DOUBROVSKY, 1977. p. 212.

⁷ LUDMER, 2007.

⁸ Entrevista à *La Vanguardia*.



Nascido em Tel Aviv, Kaniuk sempre se destacou por sua visão crítica e alternativa em relação ao Estado de Israel e ao judaísmo, conforme se pode ler em seu livro *1948*,⁹ em que relata cinco meses da luta sangrenta, a partir da qual se fundou o Estado e, em que, a maioria de seus companheiros adolescentes perderam a vida. Casado com Miranda, uma norte-americana não judia, que vive em Israel e com quem teve filhas e neto, Kaniuk acabou construindo uma família considerada não judia, apesar de viverem em Israel, pois, segundo a religião judaica, só é judeu aquele que descende de mãe judia.

Com a doença em fase terminal, Kaniuk moveu uma ação contra o Estado, obrigando o Ministério do Interior a apagar a palavra que o define como judeu no registro civil, já que em Israel não existe uma constituição que separe a religião do Estado como ocorre em outros Estados; daí resultam muitas prerrogativas aos religiosos, como sua isenção do serviço militar. Por seu envolvimento nessa e em outras polêmicas, Kaniuk ganhou, mas não recebeu o prestigioso prêmio *Sapir*, pelo livro *1948*, já traduzido para o italiano e para o espanhol. Somente muitos anos depois (em 2010) o escritor conseguiu escrever suas memórias da guerra de 1948, de que participou aos 17 anos de idade. Foi ferido e quase teve uma perna amputada, num episódio que por pouco o levou ao suicídio. No livro, Kaniuk conta que passou fome e sede durante meses nas trincheiras, num tempo em que ainda não havia um exército israelense organizado.

Kaniuk alistou-se muito jovem no *Palmach*, a milícia paramilitar sionista e, depois, uniu-se ao novo exército do Estado de Israel. Homem de esquerda e militante em favor da paz, conhecido como um destacado escritor, ele se sobressaiu também por sua incansável luta pela separação entre estado e religião, em Israel. Morto em 8 de junho de 2013, foi homenageado pelo presidente de Israel, Shimon Peres, que considerou sua morte “uma grande perda para a literatura, a cultura e a alma de Israel.”

O *blog* de Yoram Kaniuk inicia em 15 de fevereiro de 2013 e o primeiro texto leva o título “Minha vida com uma ratazana da Noruega”. Nele, o escritor conta a intrusão de uma ratazana que apareceu em sua residência, devido à demolição da casa vizinha. Por isso, os ratos desalojados procuraram novos espaços para viver. Daí que um chegou à moradia dos Kaniuk. Ninguém da família estava disposto a matar a ratazana, porque consideravam que todo ser vivo merece viver. Convencidas de que matá-la seria um assassinato, a mãe e as filhas, passam a buscar um dedetizador humanitário, daqueles que desloca os animais para um *habitat* adequado, mas não os mata. Capturada, a ratazana identificada como sendo da Noruega, o encarregado a soltou no mato e enviou à família a foto do bicho correndo na relva entre árvores.

⁹ KANIUK, 2010.



Essa questão inscrita no *blog* diz respeito ao direito à vida extensivo a todos os seres vivos. Entre os animais, aqueles que são passíveis de identificação com o ser humano são os domesticáveis (cavalo, cachorro), isto é, aqueles que podem ser integrados no sistema de valores do homem (palavra, trabalho). Já os animais do segundo grupo são selvagens, repelem a domesticação, estão fora da língua e formam um bolsão de agressividade que perturba as relações do homem com o mundo (formigas, sapos, baratas, ratos). A normatização bíblica dos animais em “puros” e “impuros” e as relações possíveis entre estes e os homens está inventariada em *Levítico* 11:13. Neste, consta a norma de que o animal impuro não deve ser ingerido e, se tocado, contamina o ser humano que também se torna impuro. Se se pensa hipoteticamente em um mundo isento de impureza, torna-se legítimo eliminar os ratos, caso contrário não haveria a possibilidade de se imaginar algum parâmetro de mundo “puro”.

A lição teológica está contida, exatamente, no movimento de eliminação do animal, já que macular espaços, coisas e homens reduz o lugar da divindade e, portanto, da salvação. Convém lembrar que se a ideia atual de impuro está submetida aos cuidados com a higiene e ao respeito às convenções que nos são próprias, a impureza, para a antropóloga Mary Douglas, é um critério usado para classificar as religiões em primitivas e modernas. No primeiro caso, as prescrições relativas ao sagrado e à impureza seriam inseparáveis; no segundo, as regras relativas à impureza desaparecem da religião, sendo relegadas à cozinha, ao chuveiro, aos serviços de saneamento, à medicina.¹⁰

As leis religiosas padronizam alguns comportamentos de determinados grupos, sempre que está em jogo a manutenção de um solo teológico que precisa ser levado em conta. Já a suspensão da classificação teológica abre espaço para a precipitação do inesperado, do que não está determinado, sendo um fator que desorganiza a experiência, as condutas e significações estabelecidas. Assim, a função da lei é exatamente conjurar, eliminar a eventualidade do indeterminado, visando à previsibilidade do comportamento. Se os ratos são “impuros”, sua presença diminui o espaço da santidade divina. É bom, pois, que sejam afastados do convívio humano. Daí que os ratos passem a ser tratados como animais descartáveis, se não em nome de Deus, em nome da saúde pública. Mas a família Kaniuk opta por preservar a ratazana que invade sua casa, em respeito à vida.¹¹

¹⁰ DOUGLAS, 1976, p. 57-71.

¹¹ Vale lembrar que os nazistas figuravam os judeus como ratos em seus cartazes de propaganda, filmes, discursos, associando a essa imagem a noção de sujeira, dejetos, deflagrador de epidemias, que devia, pois, ser eliminado como medida de higiene. Essa



Outro animal que merece grande atenção de Kaniuk e que protagoniza o *blog* de 23 de fevereiro, intitulado “História excepcional de amor entre o rei e a rainha de Israel”, é o cachorro P., que viveu com a família durante vinte anos. Encontrado numa lata de lixo ao lado de Beit Tzvi, quando tinha cerca de um mês, “ele nasceu dele mesmo”, afirma o escritor. A filha de Kaniuk o achou, recolheu, acariciou e os dois se apaixonaram. Ela o levou a um velho veterinário, os dois o lavaram e o agradaram, e o cão viveu dois anos com a filha e cerca de 18 anos com a família Kaniuk. O autor disponibiliza ao leitor o relato de uma vida inteira do cachorro, que se fecha com a morte. Essa história do nascimento à morte faz o contraponto da vida aberta que se vivencia, inconclusiva, não mensurável emocionalmente, diante da qual não há fronteiras de onde partir e aonde chegar para se alcançar seu sentido. Na vida, ignora-se quando se vai morrer, e esse dado subtrai a possibilidade de uma visão de conjunto, pois o trajeto vela aquilo que lhe dá o contorno: a própria morte.

No *blog*, Kaniuk esmiúça o dia a dia do cão, os passeios, os hábitos, os afetos distribuídos pelos membros da família, a união inextricável entre o cão e uma das filhas do escritor (o rei e a rainha do título), a pequena fuga e sua volta ao lar, até chegar à velhice. É quando o cão, cego e surdo, sente fortes dores e sofre de um câncer que consome e fragiliza seu corpo, conduzindo-o à morte. A família o enterra como a um igual e o leitor tem diante de si o desenho de uma vida que se completa. “A mim ele beijou apenas uma vez. Ele beijou-me triste e gemendo de dor um pouquinho antes de morrer. Esse beijo ainda está colado em mim”, escreve Kaniuk.

Há muitos textos publicados no *blog* em que Kaniuk impreca contra a força da religião na condução do Estado de Israel. Para ele, a religião é o contrário da liberdade. Ela não deveria aparecer mesclada com a educação, porque é preciso dar espaço para as incertezas; embora haja a caminhada ao desconhecido e a espera da volta do Messias, a segunda não pode impedir a primeira. Reivindica, então, que seu neto que vive em Israel possa ser membro da nação judaica, não necessariamente membro da religião judaica, a não ser que essa seja sua escolha, que se permita que a liberdade se expresse, que o pensamento não engessado floresça.

“Quando éramos pequenos, diz o escritor, durante o Mandato Britânico, estudávamos e nossos pais e avós queriam instalar um espírito livre. Isso como defesa contra verdades vazias” (*Blog* 29/04).

opção é uma construção monolítica e maniqueísta do judeu, sem possibilidade de humanização.



Para o escritor, é uma forma grave de racismo discriminar judeus que não o são segundo a Halachá, isto é, filhos de mães judias.¹² A matrilinearidade no judaísmo vem da Halachá e não da Bíblia (na Bíblia o sistema era patrilinear). No final da Guerra da Independência, afirma, a metade dos soldados eram constituídos de imigrantes. Não havia ninguém como Gants (general que distinguiu os soldados como os “de sangue bom” e os de “sangue ruim” entre aqueles que caíram pela segurança do Estado de Israel) para examinar se o sangue deles era suficientemente judaico. Isso os alemães fizeram. Devia ser proibido a um general do exército israelense ser adepto de teorias racistas. (*Blog 13/04*)

Em relação aos árabes, Kaniuk (*Blog 9/03*) confirma que mesmo no auge das duras lutas contra eles, que desembocaram na fundação do Estado de Israel, os combatentes não odiavam o antagonista. Eles eram o inimigo e numa guerra se mata e se morre. A atual conjuntura política em Israel recebe severas críticas do escritor. Shimon Peres, líder do Partido Trabalhista, é o símbolo de uma velha geração de políticos nascidos na Europa oriental, e está no poder desde a fundação do Estado, para a qual tantos se empenharam e batalharam durante anos difíceis da vida judaica na Europa do início do século XX e nos primeiros anos de vida do jovem Estado de Israel.

Já o primeiro governo de Biniamin Netaniahu, um novo tipo de político nascido no Estado de Israel, com formação acadêmica no exterior, foi um banho de água fria no processo de paz, com o congelamento da gradual transferência de autonomia aos palestinos, prevista nos Acordos de Oslo e que deveria culminar na independência palestina ao final da década de 1990. As perspectivas de paz se frustraram e voltou o marasmo do *status quo* da ocupação. Yair Lapid, homem da mídia, emergiu como o grande vencedor das últimas eleições. Ele ocupa um lugar importante no cenário nacional e Netanyahu não sabe como reagir às suas exigências, principalmente no que diz respeito “à igualdade na divisão do fardo”, isto é, à obrigatoriedade do serviço militar a todos, inclusive aos ultraortodoxos.

Os tribunais de justiça civil em Israel devem continuar atuando democraticamente somente com os judeus? Como é possível aceitar que a polícia perdoe a todos os homens de Bennet nos territórios ocupados e o exército permita que os colonos chamem seus soldados de nazistas sem que ninguém reclame, sem que nenhum rabino, nenhum ministro de defesa, nenhum general faça algo em relação a isso? (*Blog 4/3*)

¹² A matrilinearidade no judaísmo moderno vem da Halachá; na Bíblia, o sistema era patrilinear.



Com respeito à Shoá e suas comemorações, Kaniuk deixa também seu testemunho no texto do dia 9/4 do *blog* intitulado “A Disneylândia da Shoá”. Vale lembrar que, na ficção, ele escreveu um dos melhores livros sobre o assunto, *Adam ben Kelev (Adão, filho de cão)*.¹³ No *blog*, no entanto, ele impreca contra a fábrica de celebrações da Shoá. Diz ele: “a celebração da Shoá é mais forte do que a Shoá. Fui e ainda sou uma pessoa que acredita que se não fosse a Shoá o Estado de Israel não teria existido. A ONU declarou o Estado judeu porque os ingleses e os americanos temiam que os sobreviventes fossem para seus países. Nenhum país os queria depois da Shoá. Todas as portas estavam trancadas.”

O dia da Shoá deve ser celebrado? Ben Gurion, num mau momento, escreve Kaniuk, decidiu que houve uma boa Shoá, representada pelo heroísmo do gueto de Varsóvia e uma má Shoá, em Birkenau. Um caminhão aguardava sobre o esgoto, para salvar aqueles que não foram mortos no gueto. Os outros, os alemães executaram. Em Birkenau, os judeus se rebelaram, morreram, foram ali abatidos. Houve um grande heroísmo da parte deles, sem generais israelenses que voam em aviões norte-americanos.

“Quando me alistei, tinha 17 anos e meio, não sabia que lutaria em Jerusalém. Pensei que traria judeus sobreviventes. Treinávamos em barcos em Cesaréia. E então criamos um Estado. Ele era pequeno, porém esperto”, relata o escritor.

Kaniuk registra que a imigração à Palestina teve início quando os ingleses suspeitaram que por causa de Hitler judeus astutos tentariam entrar aos montes na Inglaterra. Foram, então, distribuídos vistos para 150.000 pessoas para as quais o Sionismo não era ideal, mas tornou-se a chave para entrarem na única terra que não lhes fechara suas portas. Foi assim que a revolta árabe começou (*Blog 4/5*). A batalha era contra a imigração e os ingleses lutaram principalmente contra os árabes. O grande empenho era pela salvação dos judeus; o que fazer com eles? A nação teria sido, desse modo, criada por acaso.

Kaniuk conta que foi entrevistado por uma sobrevivente da Shoá em Yafo (pouco antes de sua morte) e depois da entrevista houve a lembrança de encontros comoventes entre eles, como aquele com a antiga criança (no presente, sua interlocutora), a quem Kaniuk teria dado, no passado, uma tangerina e cedido sua “cama” por uma noite, num navio aos pedaços. Na ocasião do reencontro, Kaniuk foi informado de um escritório israelense que trabalhava com o dinheiro enviado aos sobreviventes vindo de diferentes países, mas que não o fazia chegar aos destinatários, porque era desviado. A dor dos sobreviventes, assim, foi usada para extrair o dinheiro que chegou às mãos de uns

¹³ KANIUK, 2003.



poucos, enquanto os velhos abandonados tornaram-se transparentes, deixaram de existir.

Kaniuk atribui ao *blog* de 30/3 o título “Diário de minha caminhada ao meu final”. Ele inicia o texto informando que sua doença chegou ao fim e assim também sua vida. “O diário é importante para mim não porque eu procure amor ou alívio. Interessa-me esse passo em direção a minha morte que não é uma grande tragédia”. É uma boa hora, segundo o escritor, para dimensionar quem ele foi e refletir sobre como a vida termina rapidamente. Há uma semana, ainda pertencia a um grupo de experimentação que talvez pudesse salvá-lo do câncer de medula. Talvez por intermédio de um transplante. Mas este traz bons resultados apenas para pessoas jovens, retirando-o da estatística dos que poderiam sobreviver. Assim mesmo, afirma ter “ganho” sete meses de vida com o tratamento:

[...] agora me sento e escrevo com certo sofrimento porque meu tempo chegou. Brevemente morrerei. Doei meu corpo à ciência. Médicos jovens irão me operar. Depois disso, quero que queimem meu corpo. Não quero deixar para trás o pó de ossos [...], mas se minha família quiser, que espalhem minhas cinzas em algum lugar e, assim, cederei meu lugar a alguém outro. [...] Quando se morre nada resta. [...] O estado de cuja formação participei acabou há tempos; o que ele é hoje não me interessa.

Em seu último texto do *blog* (8/5), Kaniuk refere-se a sua doença, entre outras coisas:

Quatro dias de sofrimento. Febre alta. Depois de dois cancros e um Herpes Zoster eu sei o que é doença e dor, mas quatro dias como esses, eu ainda não tinha vivido. [...] Veio Orli, veio Miranda e veio Sara e me levaram para a contagem sanguínea. Não consigo me mover. Levam-me em cadeira de rodas [...]. Ao contrário das outras vezes em minha vida, esta vez é a final. [...] Dormi muitas horas. Uma plaqueta passeou no meu pé, dormi e eu escrevo. Quando eu escrevo, eu vivo. O que é escrever? Mais do que todas as artes, a escrita serve para tudo. Ela é a arte que conhecemos por último. Desenharam antes, cantaram antes. Dançaram antes. Ao contrário da técnica usada na poesia, na música e no desenho, a escrita não exige nenhum conhecimento. Nenhuma habilidade. Cada um faz com ela aquilo que quiser. Mas também não dá para falsear demais na escrita. As letras são aquelas que estão aí. Um



homem lê cinquenta por cento, e talvez até mais, do livro ou da anotação que ele mesmo escreveu. Se a escrita é ao mesmo tempo leitura e escrita de si próprio dentro do texto, como deturpar aquilo que você acabou de escrever?

Pode-se dizer que o *blog* de Kaniuk levanta questões de diferentes tipos. Algumas sugerem que a cultura não é o que nos protege da barbárie, ela é o próprio meio onde prosperam as formas inteligentes da nova barbárie. É nesse ponto que o combate de Kaniuk é distinto daquele de Adorno e seus seguidores, que pensavam que era preciso defender a alta cultura e a arte de vanguarda contra a culturas de massa. Essa nova modalidade de texto em que Kaniuk se aventura caminha em outra direção: primeiro, ele não visa à permanência do livro; ele é, antes, reafirmando o que foi dito, um manifesto em favor da defesa dos espaços políticos, das formas políticas de todo tipo (o debate, a polêmica, a luta) contra a indiferenciação cultural. Contra o regime generalizado da “tolerância cultural”, ele apresenta sinais, singularidades, questões polêmicas voltadas ao autor enquanto sujeito, ao outro, seu semelhante, ao país em que viveu e onde morreu. Tudo aquilo a que se refere existiu ou não? Existiu da forma como o autor relata ou de outra forma?

Seu livro *1948* responde a algumas dessas questões ao iniciar afirmando que “nenhuma memória tem pátria e nenhuma pátria tem memória. Posso lembrar ou inventar uma lembrança e, ao mesmo tempo, inventar uma pátria ou pensar que no passado era diferente. Mas não há pátria que possa ser outra, diferente, se ela antes não existiu”.¹⁴

Há dores e desconfortos que têm a ver com a busca de uma forma necessária de ruptura. Essa dor não traz a melhora, mas nos aprofunda.¹⁵

Edward W. Said em seu livro *Estilo tardio*¹⁶ estuda o estilo de artistas díspares que têm em comum o fato de estarem na iminência da morte. Nesse estudo, oferece algumas pistas iluminadoras: em vez de ingressar numa maturidade serena e harmoniosa, esses artistas exibem em sua produção tardia um desacordo com a cultura de seu tempo e uma relação problemática com a própria obra. A morte, com a radicalidade filosófica

¹⁴ KANIUK, 2010.

¹⁵ Lacan, tendo algo parecido em vista, insiste cada vez mais que a experiência humana não é um campo de condutas guiadas apenas por imagens ordenadoras (imaginário) e por estruturas sócio-simbólicas (simbólico) que visam a garantir e assegurar identidades, mas também por uma força de ruptura, a que ele dá o nome de Real.

¹⁶ SAID, 2009.



que suscita, é uma presença explícita ou latente em todos os ensaios do livro, escritos pelo próprio Said, já bastante doente, com pouco tempo de vida pela frente.

Embora a produção de Kaniuk a que este trabalho se dedica não seja literária e tenha sua peculiaridade na opção pelo *blog*, o desacordo, a visão crítica é sua nota permanente. Também a descentralização do sujeito evidenciada nessa forma de representação marca uma particularidade. O *blog*, mais explicitamente que o livro, necessita do leitor para completar o círculo de sua expressividade; fechada em si mesma, a subjetividade autoral se torna cega. Esse formato aproxima a distância entre leitor e escritor, permitindo a leitura do texto quase em tempo real, pois o *blog* não passa pelos meios de produção exigidos pelo livro, aproximando o tempo de produção e de leitura.

É o leitor que rompe o monólogo e outorga sentidos ao texto. Escritos quando Kaniuk era consciente de que dispunha de pouco tempo de vida, o *blog* marca a presença oculta ou expressa da morte, que o autor acolhe e contra a qual reage com suas armas habituais: a inteligência, a visão crítica, a inquietação intelectual e o humor. Longe da atitude conciliatória, ele radicaliza o descompasso com a época em que vive e o modo de avaliá-la, evidenciando uma relação problemática e polêmica com o *status quo* político e existencial de Israel. Esse exercício final foi sua última viagem.

Referências

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-Lumes*. Trad. Consuelo Salomé. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DOUBROVSKY, Serge. *Fils*. Paris: Galilée, 1977.

DOUGLAS, Mary. As abominações do Levítico. In: _____. *A pureza e o perigo*. Trad. Mônica Siqueira Leite de Barros e Zilda Zakia Pinto. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 57-71.

KANIUK, Yoram. 1948. *Tashakh*. Tel Aviv, Yedioth Ahronoth: Books and Chemed Books, 2010.

KANIUK, Yoram. *Adão, filho de cão*. Trad. Nancy Rozenchan. São Paulo: Globo, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Org. e Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008.

PAJEVIC, Marko. Le poème comme 'écriture de vie. (Nota do tradutor Fernand Cambon). *Revista Europe*, n. 861-862, 2001.



RIMBAUD, Arthur. *Poésies complètes*. Paris: Hachette/ *Le livre de Poche*, n. 5924, 1998. p. 201.

SAID, Edward W. *Estilo tardio*. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Recebido em: 21/02/2017.

Aprovado em: 21/04/2017.